

O VÍRUS MENTAL

Valentino Viegas

Acabo de ouvir bombardeamentos. Aviões de combate, depois de terem sobrevoado a minha casa, a alta velocidade, devem ter lançado bombas contra objectivos estratégicos. Dirijo-me para o calendário, abrilhantado com o mapa de Goa, e sublinho o dia 18 de Dezembro de 1961, como quem identifica e assinala uma data a não esquecer.

Será verdade? A guerra terá mesmo começado? Custa-me a acreditar. Os vizinhos assustados acabam de sair das casas. Juntaram-se no largo defronte da varanda da minha residência. Estão alvoraçados, discutem em uníssono e ninguém se entende.

Cuidado, máximo cuidado, há silêncio a mais, temos de redobrar a atenção. Vamos ser atacados, pressinto a presença do inimigo. O terreno é propício para uma emboscada. Está de certeza escondido nas proximidades, por detrás dos pedregulhos e das árvores. Continua a chover sem cessar. O objectivo a destruir está localizado acolá, no planalto, a ser alcançado após ultrapassarmos a elevação do terreno. Por não vislumbrar outra alternativa, desviando o olhar com um ligeiro movimento da cabeça, dou ordem para avançar. No dia anterior, com aerograma datado de Outubro de 1965, tinha escrito a uma das minhas madrinhas de guerra dizendo-lhe que, de madrugada, iríamos iniciar uma perigosa operação na serra de Uíge, no Norte de Angola.

Quando, vindo de Goa, desembarco em Lisboa no dia 29 de Fevereiro de 2020, prevejo, brevemente, mudanças profundas na sociedade portuguesa. O previsível aconteceu e, a partir de 3 de Abril, o Presidente da República declara o estado de emergência com fundamento na verificação de calamidade pública. Em consequência, estou proibido de sair da casa a não ser para comprar bens alimentares ou ir à farmácia.

Dizem-me que devido à minha propecta idade faço parte do grupo de risco e que o inimigo me escolheu como alvo preferencial. Quando pergunto de quem se trata e onde se encontra, respondem-me afirmando ser um tal de nome Covid-19, invisível a

olho nu, que pode estar em toda a parte. Avisam-me: ao mínimo descuido, pode entrar em tua casa, transportado, sem o saber, por familiar, amigo ou desconhecido, e atacar-te de forma inteligente, a ponto de ignorares a sua presença.

A guerra tinha começado antes do nascer da aurora. Tropas indianas avançavam a bom ritmo, apesar de encontrarem algumas pontes destruídas. Procuravam não abrir fogo contra posições ocupadas pelos portugueses. Senhores do espaço aéreo, com clara superioridade em homens e material bélico, obrigavam os defensores a recuar bombardeando nas proximidades e intimando os soldados com voos rasantes de caças de combate.

O soldado que avançava à minha frente, cumprindo ordens, pára bruscamente, pois pareceu-lhe ter visto ou ouvido algo de estranho. Não dispara por não querer denunciar a sua posição ou desejar surpreender o inimigo. Na sua retaguarda, a metro e meio de distância, estanco o pé esquerdo e firmo o direito, com o dedo indicador resolutamente posicionado no gatilho da espingarda G3. Observo à minha frente, só vejo árvores e densa vegetação, perscruto dos lados, tentando furar com os olhos o emaranhado das folhas e troncos entrelaçados, para descobrir algum vulto escondido.

Saio?

Não, pois podes dar um passo em falso e antecipar a tua morte. Pela tua saúde, o melhor é permaneceres onde estás. O inimigo está lá fora à tua espera. Por favor, sê responsável, fica em casa, não saias.

Passaram mais de vinte dias desde que chegaste de Goa. Se continuas a desfrutar de boa saúde é porque ainda não foste contaminado. Tem paciência, aguenta-te, conserva-te em casa.

De Betim olhava para a cidade de Pangim. Prudentemente, os carros não circulavam e a maioria das pessoas tinha recolhido para localidades do interior. O palácio de Hidalcão, antiga residência dos vice-reis, parecia um fantasma plantado na margem esquerda da foz do rio Mandovi. Em poucas horas a população tinha fugido, transportando pertences mais importantes. Sem directrizes nem instruções, cada qual

procurava encontrar a melhor solução para proteger a sua vida. Umas quantas pessoas ainda permaneciam recolhidas nas suas casas, outras procuravam refúgio junto dos familiares mais bem informados. A capital, sem vitalma nas ruas, cumpria um recolher obrigatório sem ninguém o ter ordenado.

De bicicleta, acompanhado de um amigo, pedalei pressuroso até chegar a um monte para assistir ao combate naval, sem sucesso, do aviso¹ “Afonso de Albuquerque” contra vasos de guerra inimigos.

Sem meios de comunicação, dotado de material de guerra obsoleto, o exército português, que recebera ordens de Salazar para resistir até à morte, de recuo em recuo, fica confinado em Mormugão. Ansioso, de coração nas mãos, a milhares de quilómetros dos familiares, em sofrimento permanente, aguarda a decisão dos vencedores.

Apesar de continuar a chover incessantemente, transpiro sem cessar. Stressado, aguardo o inevitável. Já não era a primeira vez que isso acontecia. Havia sempre o antes e o depois. Antes de soar o primeiro tiro, as fracções de segundo representavam uma eternidade. Com corpo tenso e concentração no limite, era necessário continuar a avançar. Cada passo em frente representava a aproximação do encontro com a morte. Ninguém adivinhava quem seria o escolhido. Podia ser o soldado que ia à minha frente, podia ser eu ou qualquer outro camarada da retaguarda, tudo dependia da escolha feita pelo inimigo invisível. Naquele momento de suspense, a minha vida, a nossa vida, deixara de estar nas nossas mãos. Alguém, que eu desconhecia e também não me conhecia, podia decidir se eu, ou outro camarada, devia viver ou morrer, era só premir o gatilho e acertar com precisão no alvo escolhido.

Já chateia, estou saturado e farto de ser prisioneiro dentro da minha própria casa. Decidi, está decidido, vou sair. Despeço-me da minha mulher, como quem aceita o desafio de arriscar a vida no itinerário da caminhada da incerteza. Precavido, em vez de apanhar o elevador, desço pelas escadas. Na rua, começo a respirar ar puro. Tomo a direcção da mata de Monsanto, são escassos cinco minutos a pé. Embrenho-me no interior e, respeitando o distanciamento físico recomendado, cruzo-me com algumas

peças, umas com, outras sem máscaras. Se no passado nos cumprimentávamos, mesmo desconhecendo-nos, no presente, os caminhantes e os corredores afastam-se e desviam o olhar, como se os olhos projectassem a doença. Enquanto prossigo, recordo com satisfação que os cientistas trabalhavam afanosamente para descobrir a vacina contra o Covid-19. Sorrio e digo para mim: aproxima-se o teu fim, grande malandro, já vais ver, é só uma questão de tempo.

Distanciado da casa, subitamente apanho um susto de morrer. Recordo-me de ter posto a mão direita no corrimão, ao descer as escadas. Durante o percurso pela mata, por mais de uma vez passara a mesma mão pela cara, colocando-a na boca e nariz. Estou perdido, posso estar infectado!

Nas três situações descritas, tão distanciadas no tempo, com intervenção de agressores e agredidos, incluindo o próprio vírus, há uma sensação prevalecente entre os participantes, cujo nome, de quatro caracteres, todos conhecem. Trata-se do elo de ligação, tenebroso e extremamente contagioso, mais perigoso do que o próprio vírus: o medo.

(Valentino Viegas não segue o Acordo Ortográfico de 1990)

¹ Tipo de navio de guerra